



### O APOCALIPSE É AGORA: A GUERRA FRIA NAS PÁGINAS DE JUIZ DREDD (1981-1982)

Lucas Silva de Oliveira<sup>1</sup>

Doutorando em História (UEM);



<https://orcid.org/0000-0002-3596-9941>

Rodrigo Aparecido de Araújo Pedroso<sup>2</sup>

Pós-doutorando em História (USP)



<https://orcid.org/0000-0002-8381-6990>

Recebido em: 17 de julho de 2024

Aprovado em: 18 de setembro de 2024

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir e analisar algumas representações sobre a Guerra Fria presentes na HQ A Guerra do Apocalipse, do personagem britânico Juiz Dredd, publicada na revista 2000 A.D. entre 1981 e 1982. Juiz Dredd é o personagem de quadrinhos mais conhecido do Reino Unido e seu universo se passa em um futuro distópico no qual o mundo foi destruído por uma grande guerra nuclear, e no lugar dos países surgiram gigantescas Cidades-Estados.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), em 2020. Em 2022, obteve o título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá, após pesquisar sobre o personagem britânico Juiz Dredd e sua relação com o neoliberalismo dos governos Thatcher na Inglaterra e Reagan nos Estados Unidos (1977-1991). Atualmente é doutorando pela Universidade Estadual de Maringá e continua sua pesquisa com o personagem britânico Juiz Dredd, mas com foco nos 30 anos seguintes de publicações do personagem até os dias atuais. Membro do Laboratório do Tempo Presente (LabTempo) da UEM. E-mail: [lucassuem@gmail.com](mailto:lucassuem@gmail.com).

<sup>2</sup> Possui doutorado (2020) e mestrado (2014) em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Especialização em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP (2010) e graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Email: [ropedroso@alumni.usp.br](mailto:ropedroso@alumni.usp.br).



Mega-City Um e Mega-Leste Um são, respectivamente, equivalentes ficcionais dos Estados Unidos e da União Soviética. Na trama, as duas cidades entram em uma grande guerra nuclear, que leva à destruição parcial da primeira e total da segunda. A obra dialoga com o medo recorrente no período de uma guerra que poderia acabar com o mundo, e tem um forte tom maniqueísta e pessimista. Nosso propósito é demonstrar como essa história dialoga com os temores presentes das gerações que cresceram com o medo de uma guerra nuclear e como ela. Para tal, analisamos 24 histórias do arco da Guerra do Apocalipse e buscamos identificar as representações da Guerra Fria e suas contradições ideológicas contidas nas páginas das revistas da 2000 A.D.

### PALAVRAS-CHAVE

Guerra fria, quadrinhos; Juiz Dredd.

## Introdução

A presente pesquisa surgiu a partir da necessidade de construir uma reflexão historiográfica referente a como os britânicos viram e discutiram a Guerra Fria, projetada para um futuro distante, nas histórias em quadrinhos de seu mais conhecido e duradouro personagem, o Juiz Dredd [*Judge Dredd*]. Grande parte das publicações desse personagem foram contemporâneas da chamada Guerra Fria e, de certa forma, dialogam indiretamente com temas presentes nesse contexto. No entanto, por se tratar de uma obra muito extensa, que teve sua publicação iniciada em 1977, na revista *2000A.D.*, e segue até os dias atuais, analisar todas as histórias produzidas durante a Guerra Fria seria inviável para um artigo. Por isso, escolhemos como foco de análise um conjunto de histórias chamadas A Guerra do Apocalipse [*The Apocalypse War*], que somadas à trama introdutória *Blockmania* abrangem um período de publicação que vai de



1981 a 1982. Nesse período, Ronald Reagan assume a presidência dos Estados Unidos e inicia uma nova fase de tensões e disputas com a União Soviética, colocando em pauta, novamente, o medo de uma guerra nuclear que poderia levar à extinção da raça humana. A partir disso, pretendemos investigar como a obra dialoga com esse contexto em específico e que visões os autores elaboram sobre o conflito ao projetarem para um futuro distante – no anos de 2104 – sugerindo que seria um conflito de longa duração. Trabalharemos com a hipótese de que as HQs em questão trazem uma leitura ambígua do contexto, pois tentam mostrar que tanto Estados Unidos quanto a União Soviética estariam errados em suas ambições de dominação e possível destruição mundial. Porém, há uma implícita defesa dos valores do mundo capitalista em oposição aos do mundo socialista.

Sobre o personagem, o Juiz Dredd foi criado pelo escritor anglo-estadunidense John Wagner em parceria com o desenhista espanhol Carlos Ezquerra, e sua primeira aparição ocorreu na segunda edição da antologia semanal de quadrinhos de ficção científica *2000A.D.* A princípio, ele foi escrito como uma crítica à retórica do Partido Conservador britânico contra a criminalidade, que estava em alta durante os anos 1970 e 1980. Nesse período, os Conservadores trouxeram para si a defesa da lei e da ordem em um contexto conturbado de declínio dos padrões de vida no Reino Unido e aumento da pobreza e da violência, ao mesmo tempo que colocaram os Trabalhistas como coniventes com os criminosos. Segundo Robert Reiner, apesar da importância e da centralidade do aumento da criminalidade como um assunto de interesse público, a questão apenas se tornou política no Reino Unido, de fato, justamente a partir da década de 1970. O assunto foi levado ao debate público pois “foi



somente depois que Margaret Thatcher se tornou líder conservadora que a lei e a ordem se tornaram uma grande arena de conflito ideológico”<sup>3</sup>.

Assim, tanto seu criador como outros autores imprimiram nas páginas de Juiz Dredd uma constante crítica da maneira como os Conservadores conduziam as políticas de cunho neoliberal<sup>4</sup>, ao mesmo tempo que satirizaram as medidas duras de combate à criminalidade. Em especial, essa crítica tem como foco os governos de Margaret Thatcher (1979-1990) no Reino Unido e Ronald Reagan (1981-1989) nos Estados Unidos, períodos posteriores à criação do personagem, mas politicamente essenciais para consolidá-lo.

Em seu universo ficcional, Joseph Dredd é o mais conhecido e implacável dos juízes que governam e mantêm a lei e a ordem em Mega-City Um, uma gigantesca cidade incrustada nos radioativos resíduos da costa leste da América do Norte. Em Mega-City Um, vivem aproximadamente 800 milhões de pessoas, a maioria delas em condições degradantes, convivendo com altos índices de desemprego e de criminalidade, enquanto há uma elite que tem uma vida muito melhor. A maior parte da população vive sob jugo dos Juízes, uma força de elite de homens e mulheres com liberdade e a autoridade para aplicação sumária da lei, ou seja, podem julgar qualquer pessoa em qualquer lugar, tendo assim o papel de juiz, júri e, em muitos casos, de executor. Em um futuro distópico e autoritário, Dredd não tem qualquer tolerância com quem descumpre a lei: mesmo o simples gesto de jogar lixo no chão pode garantir aos cidadãos de Mega-

---

<sup>3</sup> Robert Reiner, “Crime and Control in Britain”, *Sociology: Society and Sociology: Britain in 2025*, Reino Unido, v. 34, ed. 1, p. 71-94, Fevereiro, 2000, p. 73. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42856153>, acesso em 17 set. 2024.

<sup>4</sup> Segundo Wendy Brown (2019), o neoliberalismo é comumente associado a um “conjunto de políticas que privatizam a propriedade e os serviços públicos, reduzem radicalmente o Estado social, amordaçam o trabalho, desregulam o capital e produzem um clima de impostos e tarifas amigável para investidores estrangeiros”. Wendy Brown, *Nas Ruínas do Neoliberalismo*, São Paulo, Politeia, 2019, p. 28.



City Um alguns dias na prisão. Em suma, Juiz Dredd é essencialmente uma história em quadrinhos distópica que fala sobre uma ditadura do poder judiciário em uma grande cidade situada no que restou dos EUA após uma grande guerra nuclear<sup>5</sup>.

Essa breve descrição da trama já indica a relação do personagem com a Guerra Fria e um dos maiores temores do período, uma guerra nuclear, entre as duas potências de então, que poderia destruir o mundo. Além disso, os quadrinhos do Juiz Dredd também discutem diretamente o conflito entre Estados Unidos e União Soviética, já que, no século 22, as duas potências ainda estavam em “guerra”. Mega-City Um é a representação<sup>6</sup> dos Estados Unidos e Mega-Leste Um, a representação da União Soviética; ambas possuíam um arsenal nuclear descomunal que supera em muito o existente no mundo “real”. No universo do personagem, ambas as cidades foram para as vias de fato e entraram em uma guerra nuclear de proporções que impactaram diretamente o universo de Dredd pelos quarenta anos seguintes.

A partir disso, dividimos o presente texto em duas partes. Na primeira, traçaremos algumas definições básicas sobre o que foi a Guerra Fria e como ela foi discutida e representada em algumas HQs presentes na antologia britânica

---

<sup>5</sup> O universo ficcional do personagem foi sendo expandido conforme suas histórias avançavam. De qualquer forma, o universo do personagem é uma ficção científica distópica, em que o mundo passou por uma guerra nuclear. Os países restantes se tornaram as Mega-Cidades, aglomerados urbanos que continham milhões de pessoas nos territórios livres da radiação. Cada uma dessas mega-cidades era governada pelos Juízes, com variações culturais e graus relativos de autoritarismo para cada área do planeta. Como suas contrapartes no mundo real, Mega-City Um é a cidade mais poderosa, igualmente imperialista e não menos autoritária.

<sup>6</sup> Com relação ao conceito de representação, usamos a do historiador Roger Chartier, que afirma que esse conceito permite aos historiadores “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” e também “[...] para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. Roger Chartier, *A história cultural: entre práticas e representações*, Lisboa, DIFEL, Rio de Janeiro, Bertrand, 1990, p. 16-17.



2000 A.D.. Vale destacar que, devido à limitação deste espaço, não intencionamos aprofundar nas inúmeras representações que a revista veiculou ao longo do período, mas focar nas que foram mais relevantes. Já na segunda parte do texto, nos dedicaremos a analisar a série de histórias do Juiz Dredd, A Guerra do Apocalipse [*The Apocalypse War*], e suas linhas de diálogo com o contexto da Guerra Fria nos anos 1980 à luz dos eventos da Crise Polonesa, bem como a mensagem que os autores procuraram veicular sobre o conflito e recorrente medo de uma guerra nuclear sem precedentes.

### A Guerra Fria e a revista 2000 A.D.

Se destacarmos as características do personagem do Juiz Dredd como ele sendo um agente de segurança de um futuro distópico criado durante a Guerra Fria, na qual guerras e o holocausto nuclear tiveram uma função narrativa importante na construção de seu universo, é possível que um leitor que desconhece o personagem pense que a conexão com o contexto dos antagonismos resume-se a isso. No entanto, como veremos a seguir, tanto 2000A.D. como Dredd possuem uma conexão mais profunda com o período. Assim, buscaremos contextualizar o que foi a Guerra Fria e como as histórias na revista britânica representaram esse período em suas páginas.

Com a derrota da Alemanha nazista em 1945, ocorreu um realinhamento de forças no mundo. No pós-guerra, dois países emergiram do conflito como potências dominantes e antagonistas no cenário internacional: os Estados Unidos e a União Soviética. A saber, as tensões entre ambos dividiram o mundo em zonas de influência dominadas pelas ideologias conflitantes: o capitalismo, defendido pelos EUA, que englobava os países do chamado Ocidente, tidos como baluartes da “liberdade” e da “democracia”; e o socialismo, defendido pela URSS desde a revolução de 1917, mas expandido posteriormente para os países dentro de sua



esfera de influência. Assim, a Guerra Fria comumente é definida como um conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética no qual as duas superpotências procuraram, por meio de diversas estratégias, obter uma hegemonia militar, econômica e ideológica mundial<sup>7</sup>. É importante destacar, também, que as zonas de influência não englobavam apenas ideologias conflitantes no aspecto econômico ou ideológico, mas também militar, de modo que ambas as superpotências criaram alianças militares. Assim, os Estados Unidos encabeçaram a OTAN (Aliança do Tratado do Atlântico Norte), enquanto a União Soviética e seus países satélites compunham o Pacto de Varsóvia.

O conflito teria durado aproximadamente 45 anos, mas há divergências quanto à data de início e término exatos da Guerra Fria, de modo que a disputa foi se acentuando após 1945 e ganhando força ao longo dos anos 1950-60, passando por períodos de maior e menor tensão, como a Guerra do Vietnã e a Crise de Mísseis em Cuba. O objetivo de ambas as potências era conter a expansão econômica e ideológica uma da outra.

Contenção foi uma distinta estratégia ideológica da Guerra Fria. Tomando por base as preocupações dos EUA com a balança de poder no que diz respeito à relação com a União Soviética, ela propunha um conflito de soma zero entre Moscou, que figurava como agressiva e expansionista, e Washington, que figurava como defensiva e pacífica. A Contenção sustentava que, já que a cooperação com os soviéticos era impossível e que todos os governos comunistas eram subservientes a Moscou, a expansão do comunismo em qualquer parte do mundo representava uma ameaça direta à fração de poder mundial dos EUA. [...] Depois do discurso da Doutrina Truman, a Contenção se tornou um dos objetivos centrais da política externa do pós-Guerra<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Marcos Alexandre Arraes, “Guerra Fria: uma arqueologia do conceito (e sua atualidade) a partir do ocidente”, *Caderno do Ceom, História Social e Política*, v. 32, n. 50, 2019. Disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/4619>, acesso em 14 set. 2024.

<sup>8</sup> Christina Klein, *Cold War Orientalism: Asia in the middlebrow imagination, 1945-1961*, University of California Press, 2003, p. 24.



Dessa maneira, criou-se uma ideia de que, durante a Guerra Fria, o mundo esteve dividido em dois, um sob a influência socialista soviética e outro capitalista estadunidense. Uma divisão muitas vezes representada de forma maniqueísta, na qual cada lado se via como do lado do “Bem” e seu opositor como sendo do lado do “Mal”. Termos como “Império do Mal”, “Eixo do Mal” etc., foram amplamente utilizados para descrever a URSS e seus aliados. Esse maniqueísmo era algo muito presente nas produções midiáticas e nos discursos políticos do período. No entanto, é importante pontuar que, segundo Sidnei Munhoz, a ideia de um mundo bipolar permeado pelos antagonismos entre ambas as potências “é útil para a compreensão do grande embate global, mas, ao mesmo tempo, ela contribui para embaralhar e dissimular as divergências e as disputas ocorridas no interior de cada campo”<sup>9</sup>. Assim que os soviéticos adquiriram armas nucleares por volta de 1949, as duas superpotências “claramente abandonaram a guerra como instrumento de política”.<sup>10</sup> No entanto, o medo de um “holocausto nuclear” permeou o imaginário popular através dos quarenta anos que se seguiram após o período da Guerra Fria.

O período a partir de 1979, próximo ao contexto de produção das fontes aqui analisadas, foi descrito por Grégori Czizeweski como uma retomada da corrida armamentista entre ambas as potências, o que decorreu após a invasão do Afeganistão pelos soviéticos no mesmo ano, encerrando o período conhecido como Détente (distensão).<sup>11</sup> Segundo Munhoz, essa fase pode ser caracterizada pelo “imperativo de encontrar alguma forma estável de relacionamento entre as potências dominantes, a busca por padrões toleráveis de conflito e, ao mesmo

---

<sup>9</sup> Sidnei J. Munhoz, *Guerra Fria: história e historiografia*, 1. Ed., Curitiba, Appris, 2020. 313, p. 155.

<sup>10</sup> Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: O breve século XX – 1914-1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 227.

<sup>11</sup> Grégori M. Czizeweski, “V de Vingança e o thatcherismo”, in: *XV Encontro Estadual de História da ANPUH-SC*, (15, 2014: Florianópolis), Anais do XV Encontro Estadual de História, 2014.



tempo, a importância da criação de canais para a negociação”<sup>12</sup>. O período da Détente foi encerrado em parte pela ascensão de políticos anticomunistas e neoliberais no Reino Unido e nos Estados Unidos, como Margaret Thatcher e Ronald Reagan. Entretanto, nos anos seguintes, começou-se a “pensar o impensável”, a elaborar a hipótese sobre o possível andamento de uma guerra nuclear e sobre o modo de vencê-la. A doutrina MAD – princípio de Destruição Mútua Assegurada – não parecia mais tão óbvio e seguro, o que abalava a confiança na estabilidade do equilíbrio do terror.<sup>13</sup> De acordo com Eckart Conze, Martin Klimke e Jeremy Varon,

A eleição de Ronald Reagan em 1980 reconfirmou a impressão generalizada de um afastamento da tradição doutrina nacional de equilíbrio de poder para uma fase mais agressiva da crise global competição entre as duas superpotências e uma remilitarização do Conflito no Ocidente. Reagan apresentou sua proposta de Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI) como defensiva e até antinuclear, pois prometeu dissuadir um ataque nuclear. Mas, como os críticos notaram em voz alta, também causou um impacto intercontinental sugerindo uma guerra nuclear viável, na medida em que um lado poderia agora “vencer” derrubando os mísseis de seus oponentes do céu (ou da atmosfera superior). Além disso, Reagan incluiu Colin S. Gray, um arquiteto-chave da doutrina de guerra nuclear vencível, entre seus principais conselheiros militares.<sup>14</sup>

Na década de 1980, a invasão do Afeganistão marcou um ponto de inflexão nas relações entre o bloco soviético e o Ocidente, que culminou no aumento das tensões entre as superpotências, algo que se refletiu em outros campos, como o boicote dos Jogos Olímpicos de 1980, realizado em Moscou. No ano seguinte, a chamada Crise Polonesa chegou ao seu ápice. Naquele contexto, uma agitação política na Polônia levou, em meados de agosto, a uma greve

---

<sup>12</sup> Sidney J. Munhoz, *Guerra Fria: história e historiografia*, 1. ed., Curitiba, Appris, 2020. 313, p. 204.

<sup>13</sup> Roberto Maiocchi, *A Era Atômica: Século XX*, 1. ed., São Paulo, Ática, 1993, p. 106.

<sup>14</sup> Eckart Conze, Martin Klimke, Jeremy Varon, *Nuclear threats, nuclear fear and Cold War of the 1980s*, New York, Cambridge University Press, 2017, p. 2.



generalizada entre os trabalhadores do país eslavo. Sob Lech Walesa e o movimento Solidariedade, os poloneses apelavam por condições melhores de trabalho e fim da censura, repressão e o domínio dos russos. No entanto, segundo Martin Gilbert, as lideranças soviéticas passaram a denunciar Walesa e o Solidariedade por trabalharem ao lado de forças “antissocialistas” para derrubar o comunismo na Polônia. Para conter os protestos e as greves, soviéticos reagiram com a mobilização de soldados na fronteira com a Ucrânia e a Alemanha Oriental, o que levou a Polônia a fazer o mesmo. Segundo o autor, os Estados Unidos agiram para proteger a Polônia de um ataque soviético. Em resposta, os soviéticos realizaram um exercício militar junto com seus satélites do Pacto de Varsóvia, que durou três semanas e ocorreu perto da fronteira polonesa, o que foi o maior exercício terrestre soviético desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A crise marcou o período final do governo do líder soviético Leonid Brejnev e se intensificou após a ascensão de Reagan para a presidência e a imposição de lei marcial pelo então governo polonês.<sup>15</sup> Essa nova postura do governo Reagan reacendeu o alerta de perigo e o mundo voltou a temer uma guerra nuclear, temor que já tinha seu espaço garantido nos meios de comunicação desde meados dos anos 1950. Mas, a partir dos anos 1980, esse medo, pelo menos nos Estados Unidos, ganha um novo fôlego com o filme “The Day After” (1983)<sup>16</sup>.

Assim, no âmbito cultural, o período da Guerra Fria foi um dos mais florescentes em termos de narrativas ficcionais que abordavam alguns dos medos mais comuns existentes então. Segundo o historiador Eric Hobsbawm, no período que compreende o início da Guerra Fria até o fim da URSS, “gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se

---

<sup>15</sup> Para maiores informações, consultar: Martin Gilbert, *A história do século XX*, 1. ed., São Paulo, Planeta, 2016.

<sup>16</sup> “O dia seguinte” em português, foi dirigido por Nicholas Meyer e aborda as consequências de uma guerra nuclear.



firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade”<sup>17</sup>. Esse imaginário influenciou visivelmente produções culturais da época, desde os filmes e livros e até mesmo os quadrinhos, gerando personagens importantes para a cultura pop. Nas histórias em quadrinhos, as tensões entre as superpotências vitoriosas da Segunda Guerra Mundial inspiraram a revisão de diversos personagens que haviam sido criados nas décadas de 1930 e 1940, bem como inspiraram a criação de novos personagens. De modo geral, as histórias em quadrinhos mais comuns publicadas nos EUA giravam em torno da representação do medo do comunismo, retratando vilões de origem soviética ou ligados a regimes socialistas da chamada Cortina de Ferro, ao mesmo tempo que os heróis combatiam esses vilões sempre lutando pelos “valores americanos”.

Ao longo de todo o período da Guerra Fria, e ainda hoje, houve uma clara tentativa por parte do governo e dos meios de comunicação de construir narrativas que mostravam o uso de armas nucleares como algo positivo por parte dos estadunidenses e negativo por parte de seus inimigos. Ou seja, armas nucleares nas mãos dos EUA eram algo positivo, enquanto nas “mãos erradas” da URSS era algo negativo e totalmente inaceitável. Se investiu muito na construção de uma necessidade de proteção e também de contenção do uso de armas nucleares por parte dos que eram considerados inimigos. Além disso, de acordo com Sibley Anne Labandeira Moran, na conclusão de um artigo sobre o tema:

A manobra foi mais eficaz em alinhar esta nova Guerra Fria com um discurso nacional histórico no qual os americanos sempre foram os mocinhos, da Revolução Americana à Segunda Guerra Mundial, do que em criar confiança generalizada nas políticas nucleares do governo. Para alguns, a defesa civil foi um fracasso absoluto, Garrison (2006, 13) afirma que “a vasta maioria do público americano ignorou a defesa civil ou a tratou com escárnio”. Ainda assim, a defesa civil foi um

---

<sup>17</sup> Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: O breve século XX – 1914-1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 224.



empreendimento gigantesco e, para entender melhor como ela operava em um nível visual, analisamos três filmes emitidos por agências governamentais. Eles compartilham uma sensação de perigo iminente e a necessidade de se preparar para defender este mundo de casas delicadas, escolas imaculadas e estradas recém-pavimentadas, onde as crianças andam de bicicleta para reuniões de escoteiros e as famílias aproveitam piqueniques<sup>18</sup>.

Nos quadrinhos não foi diferente, como destaca Ferenc Morton Szasz<sup>19</sup>. No livro “Atomic Comics”, o período da Guerra Fria foi marcado por uma grande proliferação de narrativas de aventuras de ficção científica, espionagem e de super-heróis, cujo objetivo era mostrar o lado positivo da energia atômica e consequentemente do bom uso das armas derivadas dessa energia. No caso dos super-heróis muitos deles passaram a ter poderes decorrentes de algum tipo de radiação, como Hulk, Quarteto Fantástico, Homem-Aranha, Demolidor, etc. No entanto, isso era a tendência nos quadrinhos de grandes editoras, nem todos os quadrinhos do período mostravam a radiação e as armas nucleares de forma positiva, os chamados quadrinhos *undergrounds* faziam dura críticas às armas nucleares e ao perigo iminente de uma catástrofe mundial. O início da década de 1980 foi um período chave para entender as representações das tensões da Guerra Fria na cultura pop, principalmente nas histórias do Juiz Dredd que serão analisadas neste artigo.

No entanto, do outro lado do Atlântico, no Reino Unido, o período da Guerra Fria estava na própria gênese da *2000A.D.*, na edição que antecedeu a primeira publicação de Dredd. Criada por Pat Mills em 1977, a antologia

---

<sup>18</sup> Sibley Anne Labandeira Moran, “Prosperity and Paranoia. Engineering Atomic Fear with Cold War Images”, in: *Quaderns de filosofia*, vol. IX, n. 1, 2022, p. 185. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/361518717\\_Prosperity\\_and\\_Paranoia\\_Engineering\\_Atomic\\_Fear\\_with\\_Cold\\_War\\_Images](https://www.researchgate.net/publication/361518717_Prosperity_and_Paranoia_Engineering_Atomic_Fear_with_Cold_War_Images), acesso em 16 set. 2024.

<sup>19</sup> Ferenc Morton Szasz, *Atomic Comics: cartoonists confront the nuclear world*, Reno/Las Vegas, University of Nevada Press, 2012. Para mais detalhes sobre o que mencionamos acima, ler a parte 2 e 3 da obra em questão.



2000A.D. foi pensada para ser uma revista de ficção científica com histórias independentes, os chamados *progs*. No processo de concepção da publicação, as seguintes ideias sobre o gênero narrativo foram consideradas: a ideia de um pequeno grupo de sobreviventes de algum desastre de cunho ambiental ou nuclear; uma aventura espacial, na qual um capitão enfrenta sozinho uma invasão alienígena; e uma viagem no tempo. De certa forma, são todas premissas derivadas dos temores que circulavam durante a Guerra Fria.

Para a primeira edição de 2000A.D., Mills criou a história M.A.C.H. 1, sigla para (*Man Activated by Compu-puncture Hyperpower*, em inglês) e sua temática teve inspiração na série *O Homem de Seis Milhões de Dólares*, lançada em 1973, mas com mais violência. A narrativa gira em torno de John Probe, um agente do Serviço Secreto Britânico que enfrentava comunistas e terroristas no auge da Guerra Fria. Dan Dare, um clássico personagem britânico do início dos anos 1950, retornou repaginado para integrar a primeira edição, e trouxe uma versão alternativa do personagem, que teria sido preservado em animação suspensa após salvar a Terra de uma explosão de um reator nuclear.<sup>20</sup>

A revista contou, também, com outras histórias publicadas a partir de 1980 cujo tema tinha relação com a Guerra Fria, em especial *Strontium Dog*. Criada também por John Wagner, a história se passa em um futuro imaginado após a chamada “Grande Guerra Nuclear” de 2150. Devido à precipitação nuclear de estrôncio-90, a humanidade tem um número maior de nascimentos mutantes, a maioria dos quais têm anormalidades físicas, mas alguns dos quais possuem habilidades sobre-humanas. John Kreelman nasce com olhos brancos e vazios e

---

<sup>20</sup> Lucas Silva de Oliveira, *Ele é a Lei! Uma projeção autoritária para o futuro: desemprego, Lei e Ordem, Guerra Fria e sátira aos EUA em Juiz Dredd (1977-1991)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2022..



um poder mutante de "radiação alfa" que lhe concede maior percepção, permitindo telepatia e a capacidade de ver através de muitas superfícies.

Apesar dessas histórias conterem elementos do que podemos identificar como característicos do período da Guerra Fria, nenhuma outra história foi tão explícita como *Invasion*, a mais notável e que integrou essa primeira edição. Desde seu início, a revista *2000A.D.* gerou algumas polêmicas referentes aos seus comentários sobre o contexto político do Reino Unido, em especial questões que envolviam a Guerra Fria. Publicada durante cinquenta e uma edições da revista, a trama se passa no ano de 1999 e imaginou um futuro em que o Reino Unido foi atacado e invadido pela *Volgan Republic of Asia* (República Volgan da Ásia), um país muito semelhante à URSS, cujo nome fazia referência ao rio Volga, que corta a parte oeste da Rússia. A trama seguiu Bill Savage, um motorista de caminhão que iniciou um movimento de resistência contra os Volgans depois que sua esposa e filhos foram mortos durante a invasão. Um dos pontos que chocou o jornalista John Ezard, e que ele destaca em um artigo publicado em 1977 no jornal *The Guardian*, foi o fato de que a primeira-ministra muito parecida com Margaret Thatcher foi assassinada pelos invasores (figura 1).

Figura 1: Página de *Invasion* com conteúdo polêmico.



Fonte: Invasion. 2000 A.D., prog #1, 1977, p. 7.

Ezard argumentou que o tipo de representação presente na revista não era positiva e poderia levar a uma indisposição entre os britânicos e os soviéticos. Além disso, considerava a violência na história exagerada e inadequada para crianças. Nas palavras dele:

É uma questão de princípio que as crianças devem ser educadas no adequado ambiente, livre de ódio para com outras pessoas, para dar-lhes a sensação de confiança e estabilidade que é tão importante para se tornarem pessoas cidadãos e sensíveis quando crescerem. Qualquer educador compartilharia esta minha opinião pessoal<sup>21</sup>.

<sup>21</sup> Paul Fairclough, "Time for Action: when comics hit the headlines", in: *The Guardian*, Reino Unido, 20 jul. 2011. Comics and graphic novels. Disponível em: <https://www.theguardian.com/theguardian/from-the-archive-blog/2011/jul/20/action-2000ad-comics-comic-con>, acesso em 07 set. 2024.



A polêmica gerada pelo quadrinho girou em torno não somente da clara associação entre Volgans e soviéticos. O realismo de cogitar uma invasão ao Reino Unido e o fuzilamento de uma figura como Margaret Thatcher nas escadarias de um dos maiores monumentos do país, a Catedral de São Paulo, em um período em que o medo de uma guerra e a sensação de insegurança eram gerais, foi impactante. Contudo, como veremos a seguir, com Juiz Dredd, a *2000A.D.* deu um passo à frente e levou o mundo a uma guerra nuclear ao colocar os soviéticos atacando o território estadunidense na história *A Guerra do Apocalipse*.

### Às vias de fato: Juiz Dredd e uma guerra nuclear contra os soviéticos

Apesar de *A Guerra do Apocalipse* ser o auge da representação da Guerra Fria nos quadrinhos de Dredd, os antagonismos entre Mega-City Um e Mega-Leste Um foram apresentados em outras edições da revista. Em 1978, por exemplo, foi publicado no número #0050 a história *Luna-1 - The First Lunar Olympics*, escrita por John Wagner. Na trama, Dredd atuou como chefe de segurança dos Jogos Olímpicos na Lua, colônia de Mega-City Um, em que estavam presentes, entre outras delegações, os soviéticos. Essa história foi a primeira menção à URSS no universo do personagem. Como era de se esperar, John Wagner representou uma tensão entre Dredd e os juízes soviéticos, o que levou a uma guerra vencida por Dredd.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Como mencionado, o universo de Dredd era construído conforme era publicado, de modo que a tal guerra entre os Juízes de Mega-City Um e Mega-Leste Um não passou de um jogo, parte de uma tentativa dos autores de representar um futuro diferente.



A próxima referência aos antagonismos aconteceu mais de um ano depois, nos números #0128-129 – *Battle of the Black Atlantic*, ambos de setembro de 1979. Na trama, Dredd colocou um cidadão de Mega-City Um sob vigilância, pois tinha suspeitas sobre ele (característica intrínseca da premissa de Dredd: todos são considerados culpados em Mega-City Um). Assim, o suspeito se revelou um espião comunista que trabalhava secretamente para Mega-Leste Um, uma trama recorrente e popularizada durante o período da Guerra Fria.

Quase dois anos mais tarde, foi publicada nos primeiros meses de 1981 mais uma história cuja trama continha elementos da Guerra Fria. Em #0197-200 – *Pirates of the Black Atlantic*, publicados entre janeiro e final de fevereiro daquele ano, John Wagner e Alan Grant escreveram um dos prólogos de um futuro conflito entre Mega-City Um e Mega-Leste Um. Na trama, um grupo de piratas mutantes sequestraram um cientista nuclear e os obrigaram a entregar segredos militares. Mais tarde, é revelado que os mutantes estavam a mando de juízes soviéticos, de modo que essa história foi a primeira menção a uma guerra nuclear entre ambas as Cidades-Estados. Ao descobrirem o papel de Mega-Leste Um no sequestro, Dredd ameaçou seus rivais com um ataque nuclear caso os soviéticos não destruíssem um de seus próprios setores com uma bomba nuclear em um gesto de “boa vontade”. Isso seria uma retaliação de Mega-City Um pela destruição do distrito 403 por um ataque nuclear após o sequestro do submarino.

Ainda em 1981, nos números #0236-244, teve início *Blockmania*, série de histórias que serviria como prólogo para A Guerra do Apocalipse. Na trama, uma guerra civil acometeu Mega-City Um, em que os gigantescos blocos de apartamentos em que viviam os 800 milhões de habitantes da cidade entram em guerra motivada por rivalidades entre si. Enquanto os cidadãos matavam uns aos outros, tomados por uma fúria inexplicável, os juízes tentavam restabelecer a ordem na cidade. Com o desenrolar da trama, foi revelado que o que havia



acontecido foi que o espião soviético Orlok envenenou o suprimento de água da cidade, causando a guerra civil e enfraquecendo as defesas da cidade para uma invasão em larga escala que culminou em A Guerra do Apocalipse.

Em 1982, no mundo ficcional de Dredd, nos números #0254-270, teve início a Guerra do Apocalipse, a derradeira batalha nuclear entre EUA e URSS. A trama é relativamente simples, e consiste em mostrar as duas potências se destruindo mutuamente com armas nucleares. Mega-Leste Um dá início à guerra, ao lançar sem aviso prévio um ataque devastador contra Mega-City Um, destruindo setores inteiros da megalópole, suas defesas e matando 400 milhões de pessoas. Seguiu-se a isso uma invasão armada do território americano, fazendo com que Dredd organizasse uma guerra de guerrilha contra os soviéticos. Além das 400 milhões de pessoas mortas pelas explosões, outras milhares morreram por radiação, fome e frio. Segundo Bishop e Stock, “A Guerra do Apocalipse foi um conto ousado para a época, encenando uma guerra nuclear fictícia entre os EUA e a Rússia em uma história em quadrinhos para meninos quando as relações entre as nações eram mais hostis desde a Guerra Fria”<sup>23</sup>.

O número #245 - *The Apocalypse War, part 1*, inicia com uma página dupla (figura 2) que indica o que os leitores poderiam esperar dessa história: como podemos observar pela imagem a seguir, na página à esquerda está Dredd segurando uma arma e aparentava estar há muito tempo lutando, já que suas roupas estavam rasgadas e ele estava com a arma em punho. Isso denota o papel de Dredd como líder da resistência contra a invasão; ao centro, um grande cogumelo, símbolo da explosão atômica, mostra qual era a intenção dos juízes de Mega-Leste Um: uma guerra nuclear de aniquilação. Já na página à direita, vemos vários elementos: na parte superior, uma “chuva” de mísseis caindo em direção

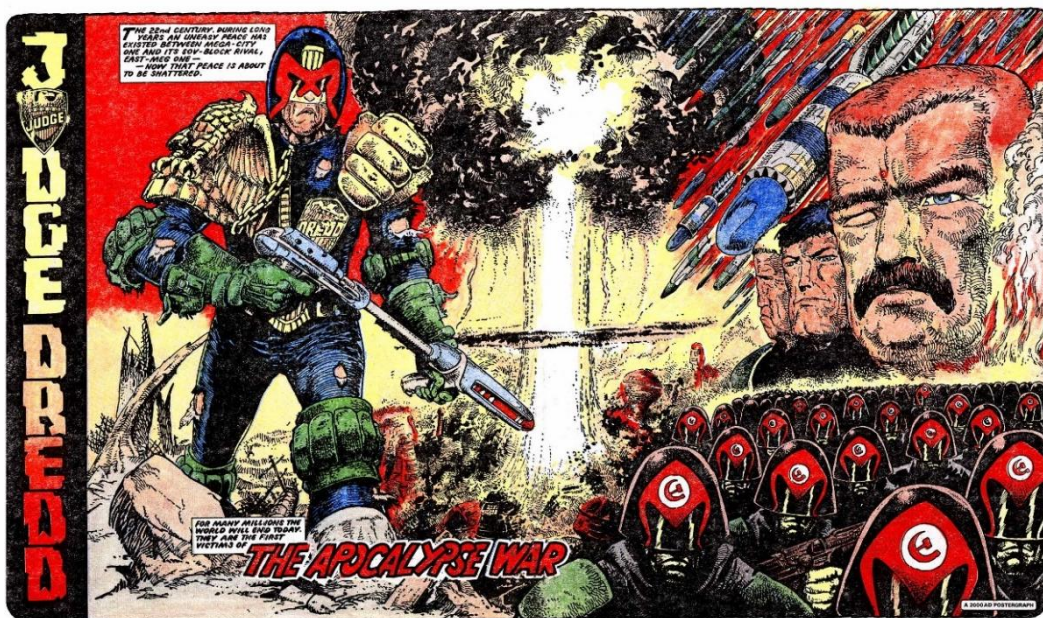
---

<sup>23</sup> David Bishop; Karl Stock, *Thrill-Power Overload: The First Forty Years: Revised, updated and expanded!*, Oxford, Rebellion, 2017, p. 86.



ao já mencionado cogumelo; ao lado, os integrantes do *Diktatorat* “supervisionando” o ataque; na parte de inferior, um gigantesco exército de juízes soviéticos, simbolizando o que estaria por vir: a invasão por terra. No topo, a chamada dizia: “O século 22. Durante longos anos, uma paz inquieta existiu entre Mega-City Um e seu rival Bloco-Sov, Mega-Leste Um – Agora essa paz está prestes a ser quebrada”<sup>24</sup>.

Figura 2: A guerra se inicia.



Fonte: John Wagner; Alan Grant. *The Apocalypse War*. 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 16-17.

Ao iniciar a história, temos contato com a cúpula onde são tomadas as decisões do *Diktatorat*, órgão que funciona como uma espécie de conselho de três,

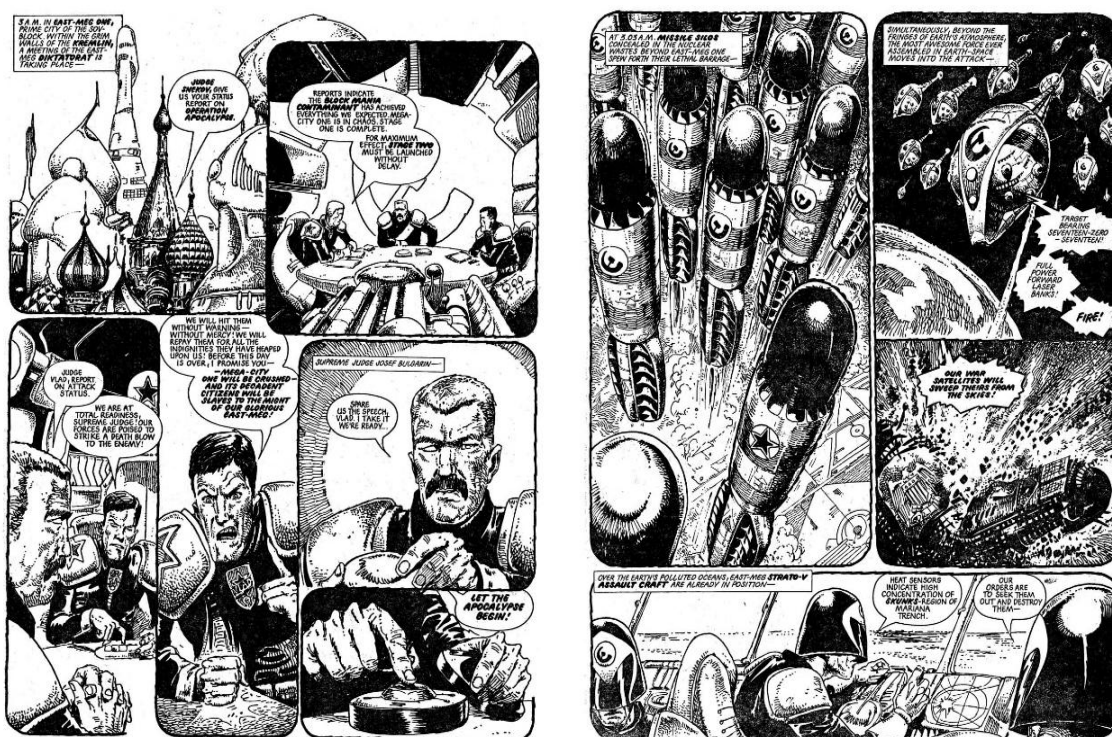
---

<sup>24</sup> No original: “The 22nd century. During long years an uneasy peace has existed between Mega-City One and its Sov-Block rival, East-Meg One -- Now that peace is about to be shattered”. Fonte: John Wagner; Alan Grant. “*The Apocalypse War*”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 16.



semelhante ao Soviete Supremo, na qual o juiz supremo é Josef Bulgarin (figura 3). Este é retratado de maneira semelhante a Stalin, com um grande bigode e uma aparência austera, além de ter o mesmo primeiro nome do soviético (Josef). Na figura a seguir, vemos dois momentos decisivos para a quebra da paz: na imagem à esquerda, o momento em que a primeira onda de mísseis foi lançada; na direita, o ataque em si. Na imagem à esquerda, vemos pela primeira vez no universo de Dredd como é a sua contraparte soviética: no primeiro quadro, é possível ver o Kremlin, a sede do governo soviético em meio a prédios com uma arquitetura futurista, o que denotava não somente que a história acontecia em um futuro distante, mas que a narrativa datava do período em que foi produzida.

Figura 3: O Arsenal Nuclear.



Fonte: John Wagner; Alan Grant. *The Apocalypse War*. 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 19-20.



Nos quadros seguintes, seguiu-se a reunião do *Diktatorat*: ao fundo, podemos ver o símbolo presente na bandeira da URSS, a foice e o martelo. No mesmo quadro, o Juiz Snekov dá seu relatório afirmando que a *Blockmania*, o vírus que deixou Mega-City Um indefesa, foi bem-sucedido e o próximo estágio deveria ser iniciado sem atraso. Nos quadros seguintes, o Juiz Vlad adota um tom ufanista e diz:

Estamos em total prontidão, Juiz Supremo! Nossas forças estão posicionadas para desferir um golpe mortal no inimigo! Vamos atingi-los sem aviso – sem piedade! Nós os retribuiremos por todas as indignidades que eles lançaram sobre nós! Antes que este dia acabe, eu prometo a você – Mega-City Um será esmagada – e seus cidadãos decadentes serão escravos do poder de nossa gloriosa Mega-Leste!<sup>25</sup>

O discurso mencionado é interessante para entender a representação dos soviéticos na mídia ocidental. Ao afirmar que estavam de total prontidão, os autores se referiam à militarização da sociedade soviética e seu exército, o maior do mundo no pós-guerra. A saber, segundo William E. Odom, estimativas da inteligência Ocidental colocavam o efetivo do Exército Vermelho entre 2,8 e 5,8 milhões de homens entre 1947 e 1991<sup>26</sup>. Isso explicava, também, a representação daquele exército de juizes na figura 2. Em seguida, seu discurso assume um tom ufanista ao dizer que as pessoas de Mega-City Um são “decadentes [e] serão escravos do poder de nossa gloriosa Mega-Leste!”, o que representa a maneira

---

<sup>25</sup> No original: “We are at total readiness, Supreme Judge! Our forces are posed to strike a death blow to the enemy! We will hit them without warning - without mercy! We will repay them for all indignities they have heaped upon us! Before this day is over, I promise you -- Mega-City One will be crushed - and its decadent citizen will be slaves to the might of our glorious East-Meg!”. John Wagner; Alan Grant. “The Apocalypse War”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 18.

<sup>26</sup> William E. Odom, *The Collapse of the Soviet Military*, 3. ed., Reino Unido, Yale University Press, 2008.



como o Estado Soviético via o Ocidente, ou seja, como parte de uma sociedade decadente.

Mas, ainda mais importante, a fala do Juiz Vlad remete à ideia de Herman Kahn. Kahn foi um teórico que arquitetou um plano de defesa para os EUA em caso de um ataque nuclear soviético. Dessa forma, baseando-se na chamada Teoria dos Jogos<sup>27</sup>, ele argumentou que um ataque surpresa possivelmente não poderia ser contido, o que desencadearia uma retaliação de maiores proporções por parte dos soviéticos, resultando na chamada MAD (*Mutual Assured Destruction*), ou Destruição Mútua Assegurada, em que ambas as potências se destruiriam em busca de uma vitória.

Já na página à direita, é retratado o maior temor do período: o lançamento dos mísseis. Na página 19 do número #245, vemos as ogivas de Mega-Leste saindo dos silos e atingindo as defesas de sua rival. Como é possível perceber pelo primeiro quadro, as ogivas contêm o símbolo da foice e do martelo, outra clara representação da dicotomia da Guerra Fria. Em seguida, vemos uma força soviética atacando as defesas de Mega-City no espaço. Nas duas páginas seguintes, o ataque continua por mar, mirando as defesas marítimas, e por terra, onde se encontravam seus silos.

Após o primeiro ataque, os membros do *Diktatorat* foram para um bunker embaixo do Kremlin. Lá, o Juiz Snekov deu as projeções das perdas esperadas em caso de uma retaliação de Mega-City. Segundo ele: “Eu estimo – deixe-me ver... até doze por cento da nossa população morrerá na primeira hora”;<sup>28</sup> seu

---

<sup>27</sup> Um ramo da Matemática que procura estudar diferentes situações estratégicas, nas quais os participantes buscam resultados melhores através de ações diferentes. No contexto da Guerra Fria, esse ramo foi aplicado às ciências militares e aos planos das potências para elaborar planos estratégicos em caso de um conflito de proporções mundiais.

<sup>28</sup> No original: “You’re out of your tiny mind, Bugarin! You must realise no-one can win this war!”. John Wagner; Alan Grant. “The Apocalypse War”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 22.



colega, alarmado, replicou: “Doze por cento da população! M-mas isso é alarmante! Devemos transmitir ao povo imediatamente, informá-los sobre o motivo de seu sacrifício”<sup>29</sup>. As projeções faziam parte do jogo de dissuasão da Guerra Fria, de modo que a segunda metade da década de 1970 foi marcada pelas hipóteses sobre as melhores maneiras de se conduzir uma guerra nuclear. Segundo Maiocchi:

Em 1977, Zbigniew Brezinski, sucessor de Henry Kissinger como secretário de Defesa americana, declarou que, mesmo se as duas superpotências empregassem todas as suas armas nucleares, apenas 10% da humanidade desapareceria. Seu comentário foi: “É um desastre que está além da compreensão humana. É um desastre que não tem de modo algum ser justificado moralmente. Mas do ponto de vista descritível e analítico, não é o fim da humanidade. [...] Se o líder soviético Brejnev não se cansava de afirmar que era preciso fazer todo o possível para evitar a guerra nuclear, seu exército pensava que, na infeliz casualidade de que esta fosse deflagrada, era melhor estar preparado para vencê-la. Foi por isso que a União Soviética desenvolveu um intenso programa de defesa civil que visava, em caso de um ataque americano generalizado, reduzir as perdas em sua população civil a 3 ou 4%, isto é, uma cifra altíssima de sobrevivência. Isso muito preocupou os americanos, que viram nessa estratégia mais uma prova que os soviéticos adotavam a estratégia de vitória na guerra atômica<sup>30</sup>.

Curiosamente, no mesmo diálogo (figura 4), o Supremo Juiz Bugarin diz: “As pessoas? O que eles têm a ver com isso?”<sup>31</sup>. Provavelmente, os autores tinham a intenção de retratar a desumanização do alto comando soviético em caso de uma guerra dessa proporção, de modo que Bugarin se recusou a alertar o seu próprio povo dos efeitos de suas ações, mesmo que um de seus colegas tenha ficado alarmado com o número de pessoas que poderiam morrer.

---

<sup>29</sup> No original: “Twelve per cent of the population! B-but that's alarming! We must broadcast to the people immediately, inform them of the reason for their sacrifice”. John Wagner; Alan Grant, “The Apocalypse War”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 22

<sup>30</sup> Roberto Maiocchi, *A Era Atômica: Século XX*, 1. ed., São Paulo, Ática, 1993, p. 106.

<sup>31</sup> No original: “The people? What have they got to do with it?”. John Wagner; Alan Grant. “The Apocalypse War”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 22.



Figura 4: Os Civis não Importam.





Fonte: John Wagner; Alan Grant. *The Apocalypse War*. 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 22-23.

Semelhante ao *Diktatorat*, Dredd tem a mesma reação (figura 4). Ao lhe recomendarem que informassem os cidadãos, Dredd questiona: “Os cidadãos? O que faz você pensar que eles estariam interessados?”<sup>32</sup>. Vale destacar que, embora tenham agido de maneira semelhante, aparentemente as razões de cada um eram diferentes: Bugarin se negou a informar os cidadãos por considerar que eles não tinham relação com a situação; enquanto Dredd levou em conta os efeitos da Blockmania, o que pensou que não faria diferença se fossem avisados. Considerando sua vitória como certa, no número #249, Bugarin exigiu a rendição total de Mega-City Um. Em resposta, Dredd diz: “Você está louco, Bugarin! Você deve perceber que ninguém pode vencer esta guerra!”<sup>33</sup>. Essa fala de Dredd se refere à já mencionada MAD, caracterizada pela destruição mútua de ambas as potências em uma guerra nuclear de proporções globais. Bugarin, então, exigiu a rendição incondicional de Mega-City, de modo que Dredd questionou: “Render? E condenar minha cidade à escravidão do bloco Sov? Nunca!”<sup>34</sup>. Para reagir ao ataque, Dredd lançou os TADs (*Total Annihilation Device* – Dispositivos de Aniquilação Total, em tradução livre) contra Mega-Leste Um. No hospital, o Juiz Chefe disse para Dredd: “Você lançou o TADs então... Você fez certo... Melhor os

---

<sup>32</sup> No original: “The citizens? What makes you think they'd be interested?”, John Wagner; Alan Grant, “The Apocalypse War”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 23.

<sup>33</sup> No original: “You're out of your tiny mind, Bugarin! You must realise no-one can win this war!”. John Wagner; Alan Grant, “The Apocalypse War”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 17.

<sup>34</sup> No original: “Surrender? And condemn my city to Sov-Block slavery? Never!”. John Wagner; Alan Grant, “The Apocalypse War”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 17.



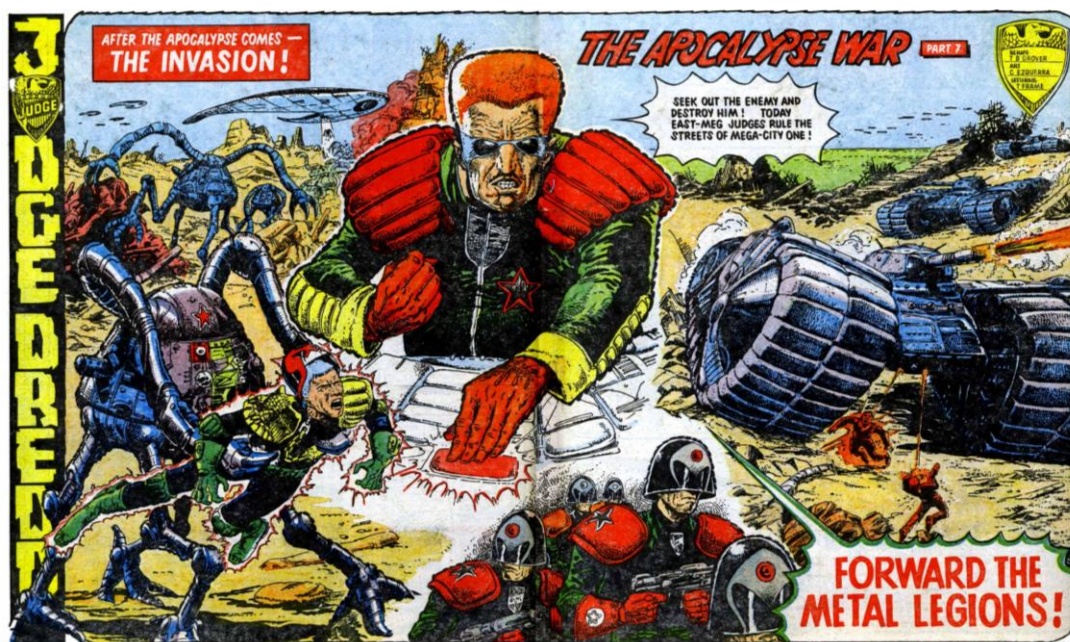
sovs morrerem conosco, do que nos governar..."<sup>35</sup>. Ou seja, era melhor a aniquilação de ambas as megacidades do que a primazia dos soviéticos sobre Mega-City.

Na edição #250, de 1982, tem início a invasão do que restou do território de Mega-City. Um. Nesse momento da história, foi introduzido um novo personagem importante para o desenrolar da invasão: o marechal Kazan (figura 5). Com o mesmo nome de uma cidade da União Soviética, a capital e maior cidade da República do Tartaristão, Kazan foi representado por Wagner e Grant, como autoritário e desumano. A maneira como foi introduzido na narrativa objetivou mostrar que o alto comando soviético não se importava com seus soldados, retratando o personagem humilhando diversas vezes seus subordinados.

Figura 5: O Grande Ditador.

---

<sup>35</sup> No original: "You've launched TADs then... You did right... Better the sovs perish with us, than rule us...". John Wagner; Alan Grant, "The Apocalypse War", 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 19.



Fonte: John Wagner; Alan Grant. *The Apocalypse War*. 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 17.

Um ponto interessante do personagem é o fato de como ele foi usado como um recurso narrativo de contraponto aos juízes de Mega-City Um, dando uma aparência ditatorial maior para os soviéticos, de modo que os Juízes estadunidenses não fossem vistos como seus iguais e, assim, pudessem resistir ao ataque sem serem tachados de autoritários. Ao longo da trama, Kazan deu um golpe de Estado, executando todos os membros do *Diktatorat*, tornando-se um ditador extremante autoritário e caricato, que pune seus subordinados enviando-os para a Sibéria. É essa atitude do personagem que, de certa forma, permite que Dredd consiga dar seu golpe final contra Mega-Leste Um. Com o apoio de alguns juízes de confiança, Dredd invadiu o silo de armazenamento de armas nucleares de Mega-Leste Um e lançou um ataque contra a cidade inimiga, destruindo-a com seu próprio arsenal nuclear. Ao fazê-lo, ele se rendeu a Kazan e foi preso. Mas com o apoio de soviéticos que já não toleravam a ação autoritária de seu



líder, Dredd escapou e executou Kazan, dando um fim à guerra. Mega-Leste Um oferece sua rendição incondicional, seus soldados são levados para o que restou da cidade e tem início o processo de reconstrução de Mega-City Um, que perdeu 400 mil pessoas e nunca mais voltou a ser a mesma.

A trama de Guerra do Apocalipse, como destacamos até agora, dialoga com todo um universo de problemas e temores que um confronto nuclear entre EUA e URSS poderia causar. Na ficção, isso de fato ocorreu, em um futuro distante, e teve graves consequências para ambas as potências envolvidas. Mega-City Um perdeu grande parte de seu território e sua população, e Mega-Leste Um foi totalmente eliminada. O desfecho da narrativa, assim como outros momentos, contém uma alta dose de maniqueísmo. Mesmo que tanto Mega-City quanto Mega-Leste sejam caracterizadas como cidades com governos autoritários, a obra tende a destacar que é preferível, ou “menos ruim”, o autoritarismo dos juízes da América ao dos soviéticos.

Um indício disso é o que ocorre na edição #254, quando um grupo de cidadãos de Mega-City estava sofrendo com o frio decorrente do chamado “Inverno Nuclear”<sup>36</sup>. Dredd, vendo a situação, ordena a execução dessas pessoas para poupá-las de uma morte lenta e mais dolorosa, demonstrando, assim, ter alguma misericórdia, algo que os soviéticos nunca demonstram na narrativa. Outro momento que indica essa tendência ocorre na edição #257, quando Dredd e outros juízes procuram destruir uma ponte para evitar o avanço das tropas

---

<sup>36</sup> Após uma guerra atômica generalizada, os efeitos sobre o clima seriam análogos aos provocados por uma erupção vulcânica, mas muito mais fortes. As milhares de nuvens de poeira e de fumaça levantadas pelas explosões se uniriam formando uma camada escura que recobriria a Terra numa altura entre 8 e 30 km, absorvendo os raios solares e impedindo-os de atingir a superfície terrestre. Essa capa levaria vários meses para dissipar-se”. Roberto Maiocchi, *A Era Atômica: Século XX*, 1. ed., São Paulo, Ática, 1993.p. 122.



inimigas a outras partes da cidade. Um dos juízes se sacrificou para destruir a ponte e ao fazer isso grita: “Por liberdade! Por justiça! Por Mega-City Um!”<sup>37</sup>.

O interessante dessa frase é que os autores antagonizaram os juízes de Mega-City aos juízes soviéticos não somente pelas vias ideológica e bélica, mas pela via moral. Enquanto os juízes soviéticos invadiam, exterminavam e destruíam a megalópole e sua população, Dredd e os juízes lutavam para libertar sua cidade do jugo de seus invasores. Vale lembrar que o universo de Dredd é uma ditadura judiciária comandada pelo Juiz Chefe e regida pelo Departamento de Justiça, na qual, por meio de um modelo de policiamento ostensivo, os juízes reprimem todo e qualquer cidadão que cometa o que eles consideram ser crimes, e silenciam opositores e ativistas pró-democracia. Segundo John Newsinger:

Esta história foi publicada na 2000AD por mais de seis meses. Só pode ser apreciado como parte da campanha mediática que estava em curso na altura, como parte da nova ofensiva da Guerra Fria contra a União Soviética. O quadrinho mais popular da Grã-Bretanha retratava os Sovs [abreviação do universo de Dredd para se referir aos soviéticos] como monstros cruéis e assassinos com os quais era impossível negociar e contra os quais as armas nucleares eram a única defesa segura. Parece não ter havido reclamações ou protestos. Pode-se argumentar, é claro, que a tira era tão exagerada que constituía uma caricatura das atitudes da Guerra Fria: era uma sátira! [...]. Por mais atraente que esta proposta possa ser, ela é prejudicada pelo retrato da liderança de Mega-Leste como fomentadores de guerra com intenções de agressão não provocada. Eles são os únicos responsáveis pela guerra, por todo o sofrimento e mortes, e Dredd está apenas agindo em legítima defesa. A narrativa justifica absolutamente a destruição de Mega-Leste Um e seu povo por Dredd. A história, para ser franco, foi um exercício de seis meses de propaganda anti-russa. Wagner e Grant abraçaram, de forma bastante acrítica, a visão Reagan-Thatcher da política internacional e transformaram-na numa história em quadrinhos<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> No original: For freedom! For justice! For Mega-City One!. John Wagner; Alan Grant, “The Apocalypse War”, 2000 A.D., Reino Unido, IPC Magazines Ltd, ed. 245-270, 1982, p. 22.

<sup>38</sup> John Newsinger, *The Dredd Phenomenon: Comics and contemporary society*, 1. ed., Bristol, Reino Unido, Libertarian Education, 1999, p. 24.



Como todo o sistema judiciário do universo do personagem é igual, o mesmo acontece em Mega-Leste Um, mas como ela é a cidade invasora, Wagner e Grant colocam Dredd como um guerreiro defensor da liberdade. Segundo o sociólogo neerlandês Jan Nederveen Pieterse, essa defesa da liberdade se encaixa no que ele chamou de “corpo metafórico”, a ideia de que os Estados-nações criam para si mesmos a construção da imagem de um povo cujo objetivo seria mostrar uma visão idealizada de si para o mundo externo<sup>39</sup>. De acordo com o autor, a reprodução de narrativas patrióticas, heróis e símbolos nacionais consolidariam os projetos para o estabelecimento de um Estado-nacional. A percepção que os EUA vendem de si mesmos é a de que seu país é o símbolo da tradição democrática e da garantia de liberdades, como a liberdade de expressão. Talvez esse seja um dos motivos que explicam a representação dos juízes de Mega-City Um como defensores da liberdade frente à invasão soviética.

Segundo Chapman, a série de A Guerra do Apocalipse apresentou características clássicas do gênero de ficção científica de histórias sobre uma invasão estrangeira e da resistência às forças invasoras, de modo que apresenta Dredd como defensor e libertador, enquanto seus inimigos são tiranos ou ditadores<sup>40</sup>. Basta olhar para a maneira como os soviéticos são representados pela persona de Kazan: ele é retratado como um homem visualmente repugnante e autoritário. Isso pode ser uma característica possível de observar na lógica dos antagonismos, que busca mostrar a URSS como uma potência “ateia sempre disposta a derrubar os reinos da liberdade”<sup>41</sup>. Isso foi definido por Munhoz como “[...] um discurso maniqueísta em relação à URSS. Nele, os EUA representavam

---

<sup>39</sup> Jan Nederveen Pieterse, *O Fim do Império Americano?: Os Estados Unidos depois da Crise*, Belo Horizonte, Geração Editorial, 2009.

<sup>40</sup> James Chapman, *British Comics: A Cultural History*, Londres, Reaktion Books, 2011.

<sup>41</sup> Eric Hobsbawm. *Era dos Extremos: O breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 299.



a promessa de liberdade, democracia e bem-estar social enquanto a rival era tratada, numa linguagem bíblica, como o império do mal”<sup>42</sup>.

Por fim, não podemos destacar a obra de seu contexto. Como dito, o início dos anos 1980 foi um período conturbado entre o chamado Ocidente o bloco soviético, com ambas as superpotências retomando as hostilidades através de uma renovação da retórica nuclear. Um exemplo disso foi, sem sombra de dúvidas, o caso da chamada Crise Polonesa, que não somente esquentou a Guerra Fria, como deixou o mundo mais próximo de uma guerra nuclear desde a crise dos mísseis na década de 1960. Os eventos ao redor da Polônia aconteceram durante o período de publicação das histórias da Guerra do Apocalipse, em que os autores acompanhavam dia-a-dia nos jornais seus desdobramentos. A título de curiosidade, a Crise Polonesa inspirou, também, Alan Moore em seu argumento para levar o mundo à uma guerra nuclear em seu universo ficcional de V de Vingança. Com isso, podemos concluir que as hostilidades entre ambas as superpotências foram vitais para as representações fictícias dos temores de gerações que cresceram às sombras de um conflito nuclear.

## Considerações finais

A série de histórias em quadrinhos aqui analisada contribui para fornecer uma visão sobre como autores do Reino Unido teceram comentários e críticas sobre o contexto bélico internacional no qual estavam inseridos. Como é evidenciado ao longo do texto, a principal temática trabalhada pelos autores é o temor de que de fato ocorresse uma guerra nuclear entre Estados Unidos e União Soviética. Para além da ascensão dos governos Thatcher e Reagan e sua retórica

---

<sup>42</sup> Sidney J. Munhoz. *Guerra Fria: história e historiografia*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. 313, p. 235.



anticomunista requeitada, é muito provável que diversos acontecimentos do início dos anos 1980 tenham servido para instigar esse medo, que já era recorrente no período da Guerra Fria. A chamada Crise Polonesa, ocorrida entre 1980 e 1982, é um exemplo que gerou tensão e a possibilidade de um conflito real entre as duas potências. A necessidade de uma ação coordenada e firme das potências ocidentais para resolver a crise foi tema de conversas por cartas entre Thatcher e Reagan<sup>43</sup>.

O ponto particular que essa visão britânica sobre a Guerra Fria apresenta é a forma como é projetado o futuro dos Estados Unidos, que se tornaram uma megalópole governada com mão de ferro pelo poder judiciário, um regime totalmente autoritário e diferente do que existia e ainda existe no país atualmente. Essa construção ficcional é relativamente original dentro do gênero distopia e pode ser vista como uma crítica aos caminhos que a superpotência mundial pode seguir em um futuro distante.

Já a construção da rival soviética futurista não apresenta originalidade. Como foi assinalado, trata-se de uma reprodução de diversos estereótipos difundidos no decorrer da Guerra Fria que enfatizavam o modelo político-econômico soviético como autoritário e contra todo tipo de liberdade, principalmente a de expressão e econômica. E nessa luta ficcional entre o “Bem” e o “Mal” os que defendem a liberdade, mesmo que sejam juizes autoritários, sempre devem vencer. O desfecho de A Guerra do Apocalipse sugere também que a única forma de resolver a Guerra Fria seria o total extermínio da União Soviética, o que na narrativa se torna justificável, uma vez que os soviéticos

---

<sup>43</sup> O nome das cartas é: “Cold War: Thatcher letter to Reagan (Poland)” [declassified 2000]. Disponível em: <https://www.margarethatcher.org/document/109294>, acesso em 17 set. 2024.



havia começado a guerra contaminando a água de Mega-City e desferindo um ataque nuclear surpresa.

Mesmo sendo uma narrativa que defende os Estados Unidos, algo que não chega a ser surpreendente dado o histórico alinhamento entre o país e o Reino Unido, a obra tem um forte tom pessimista. O futuro que os autores projetam é extremamente negativo. Nele, a Guerra Fria perduraria até o século 22 e teria um fim catastrófico no qual os EUA, agora uma nação nuclear e autoritária, se tornaria a única potência mundial por meio da total aniquilação de seu rival soviético. A partir de seu presente, os autores não tinham nenhuma perspectiva de melhorias para o mundo ou de uma solução pacífica sem o uso de armas nucleares para o conflito no qual estavam mergulhados.